

ERRO E ENIGMA NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM*

ROSA ATTÍE FIGUEIRA
UNICAMP

O termo "erro", aplicado a dados de aquisição da linguagem, tem abarcado fenômenos muito diversos do desenvolvimento lingüístico de uma criança. Reúne-se sob esta designação tudo o que de diferente e particular a fala da criança pode apresentar, em comparação com o sistema lingüístico adulto, inevitavelmente tomado como referência.

Aplicada à linguagem em desenvolvimento da criança, esta palavra nos pareceu de início inadequada. Propusemos substituí-la por "ocorrência divergente" (Figueira 93, 94). Esta designação, contudo, não conseguiu se impor à outra, mais difundida e geral, mesmo na literatura específica da área. Assim, hoje temos falado em "erro" com a especificação "reorganizacional" sempre que temos de nos referir ao tipo de ocorrência que aponta para uma sistematização ou alinhamento de formas e estruturas.¹

O objetivo desta comunicação é, até certo ponto, heurístico. Trata-se de procurar verificar até que ponto pode ser sustentada uma distinção entre este tipo de erro que se chamaria de "erro reorganizacional", e outro tipo, que, não podendo ser facilmente interpretado como procedendo de um processo de sistematização, caberia ser designado – como o fez M. T. Lemos (94) – como ocorrência enigmática, que convoca uma interpretação.

* Sou grata a Claudia de Lemos pelas observações que me fez ao ler uma primeira versão deste texto.

¹ O "erro" reorganizacional é quase sempre precedido, na fala da própria criança, por uma ocorrência que poderia receber o rótulo de "correta" porque igual à do adulto; mas tal "correção" reflete um momento onde tudo o que se tem é uso anterior a conhecimento, este último entendido como associado a processos de organização ou reorganização.

De Lemos (92), passando em revista a literatura sobre processos reorganizacionais e fazendo uma releitura de Saussure e Jakobson, prefere falar em ressignificação, propondo-se a uma análise discursivo-textual dos dados, onde se podem reconhecer processos metafóricos e metonímicos. Sua visão de mudança lingüística via processos de ressignificação dispensa o investigador de assumir uma visão teleológica da aquisição da linguagem, sem contudo abrir mão de um papel estruturador da fala do interlocutor sobre a fala da criança. Está fora do escopo desta comunicação a avaliação crítica da proposta de De Lemos confrontada com outras posições (a de Bowerman ou de Karmiloff-Smith, por exemplo), mas pode-se adiantar desde já que um dos aspectos em que se mostra superior reside no fato de que não propõe categorias ou estruturas como prévias, e sim relações.

PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

- CARVALHO, Carlos. *Poesia e Prosa*. 1994, 179p. Coleção Memória. Coedição EDIPUCRS - IEL. A presente obra é a reedição dos contos e a divulgação de algumas poesias, até então inéditas, de Carlos Carvalho.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 PORTO ALEGRE - RS
BRASIL

FONE: (051) 339-1511 Ramal: 3323

FAX: (051) 339-1564

Do primeiro tenho me ocupado desde a época da elaboração de minha tese, tendo consolidado este tema como tópico de pesquisa, numa comunicação feita em 91, na II ENAL, sob o título: "O Erro como Dado de Eleição na Aquisição da Linguagem pela Criança Normal". Fenômenos como a aquisição do subsistema de causatividade e a aquisição dos verbos que expressam reversão de processo foram analisados sob este recorte metodológico, tomando-se o "erro" em vez do "acerto", como dado privilegiado de análise, porque dotado de uma transparência quanto à relação sujeito-linguagem, inexistente na sua contraparte, o "acerto".

Em tese recém-defendida, M. T. Lemos, colocando-se na área de Aquisição da Linguagem de uma perspectiva na qual a Análise do Discurso e a Psicanálise estão implicadas, percorre autores clássicos da área (como Brown, Scollon, Bowerman, De Lemos), procurando enxergar nos dados por eles analisados, um tipo de erro que chamou de enigmático. Usa tal designação para ocorrências como: "A no boy with no watch", da fala de Adam, primeiro sujeito dos estudos de aquisição da linguagem; "I poured you", da fala de Eva, sujeito de Bowerman; "A Cuca fez a Ana Renata", da fala de Michel, sujeito de C. de Lemos; e outras ocorrências que, pela sua natureza, provocam uma interrogação, um estranhamento, ou, usando suas próprias palavras, convocam uma interpretação. São exemplos em que há um cruzamento imprevisível entre o estável e o não-estável, o simétrico e o não-simetrizável. Neles o que estaria em jogo seria a língua enquanto portadora de um caráter equivocante. Apóia-se M. T. Lemos em Pêcheux, na sua formulação de que "na língua, a dimensão do equívoco é fundante porque um elemento pode, pelo jogo que escapa ao sujeito, vir a se transformar em outro" (p. 27). Cita deste autor a seguinte passagem:

Entre a simetria (através da qual o outro aparece como o reflexo do mesmo, via uma regra de conversão) e o equivoco (no qual a identidade do mesmo se desregra, se altera do (seu) interior), o paradoxo da língua toca duas vezes a ordem da regra: pelo jogo nas regras e pelo jogo sobre as regras". (Pêcheux, "Sur la dé-construction de théories linguistiques", p. 23, a tradução é nossa)

Este parágrafo parece reunir muito daquilo de que precisamos para abordar o erro em aquisição da linguagem, naquilo que ele pode comportar de sistematicidade ou não. Por isto, nós o colocamos em destaque nesta apresentação.

Convém indicar, de início, algumas características que estão associadas ao chamado erro reorganizacional.

Pode-se dizer, inicialmente, que ele está presente no trajeto de construção de subsistemas, marcando um momento da fala da criança que pode ser visto como de uma certa autonomia do lingüístico, em contraste com a dependência da fala do Outro, manifestada anteriormente na sua produção

– fenômeno que já foi amplamente tratado por C. de Lemos em vários artigos (v. 82, 89, 92). Assim, em determinado momento da aquisição de uma língua, a criança produz formas ou estruturas desviantes, mas estas são interpretáveis e até certo ponto (algumas delas), previsíveis. Geralmente ocorrem depois de um momento em que foi possível detectar em sua fala formas corretas (ou, como melhor se diz, aparentemente corretas, porque produzidas na condição de "não-analisadas", anteriores à sua integração em subsistemas). Fala-se então em dois momentos: um, em que a forma ou estrutura comparece na fala da criança com o estatuto de não-analisada, como material incorporado especularmente da fala do Outro, submetido pois a uma dependência dialógica; outro, em que tais formas e estruturas, antes independentes e isoladas (presas a discursos fixos), passam – graças a um movimento que inclui a experiência da criança com a própria linguagem (ou, na visão de ressignificação de De Lemos, o efeito da linguagem sobre a própria linguagem) – a integrar um subsistema. É neste segundo momento que se registram os erros, material privilegiado para a abordagem pelo pesquisador da área da relação da criança com a linguagem, pela maior transparência ou visibilidade que pode oferecer desta relação.

Já no caso das ocorrências enigmáticas, alguns destes traços que reortamos acima como característicos dos erros reorganizacionais parecem estar ausentes, como a interpretabilidade e a previsibilidade. Esta última, como adiante se verá, está em parte apoiada numa peculiaridade dos sistemas lingüísticos, que é a heterogeneidade das marcas ou recursos expressivos que mobilizam.

Preocupada, desde meus primeiros trabalhos na área com a descrição dos fenômenos subjacentes aos erros encontrados na fala das crianças, pude registrar, ao longo deste tempo, que é variada a gama de ocorrências que podem receber este rótulo, abrangendo ora aquilo que é percebido pelo observador casual como "troca de item verbal" (por exemplo, o uso de um item não-causativo por causativo, como Eu vou sair você do berço, Eu vou morrer essa (planta), ora o fenômeno que é descrito como "criação de novos itens" (por exemplo, "novos verbos" prefixados por DES-, como desfecha, deslimpa, desmurcha), ora o fenômeno da regularização de padrões de conjugação ou de formas irregulares (por exemplo, as ocorrências ouçava, estava tossando, ou outras mais comuns, como sabo e fazi). A opção por este tipo de material (o desvio ou erro) continua presente no meu trabalho mais recente, na análise sobre os dados de duas crianças relativos à aquisição da classe semântica dos reversos. E é esta classe de dados – aliás mencionada como parte de um plano de trabalho na comunicação feita no último ENAL – que vai me oferecer o suporte empírico para avaliar se há uma diferença de natureza entre erro reorganizacional e ocorrência enigmática, diferença que justifique o contraponto. Como se vai

ver, há entre as novas formas criadas por DES- pela criança, elementos para contrastar o que é da ordem do estável e do não-estável, do previsível e do não-previsível; elementos que estão implicados nos dois pólos paradoxais da língua: a simetria e a equívocidade, de acordo com o texto de Pêcheux.

Para começar, algumas informações sobre o trabalho. Trata-se de uma análise que incide sobre um certo número de formas verbais inovadoras criadas por duas crianças (Anamaria e Juliana, A e J, daqui para frente), registradas entre 3;10 a 5;1 anos de idade, para a expressão de ações reversas.² Chama-se de ações reversas aquelas ações que dão por resultado a volta a um estado anterior do objeto em questão: abrir-fechar, encher-esvaziar, ligar-desligar, enrolar-desenrolar, etc. No caso do português, é fácil ver como a língua organiza a expressão de ações reversas. Há dois recursos gramaticais diferentes: a) formas distintas no léxico (ex., abrir-fechar); b) marca morfológica (ex., enrolar-desenrolar). O sistema não é, pois, homogêneo ou uniforme. A noção de sistema – tão entranhada na Linguística que chega a se confundir com ela – poderia nos levar à ilusão da homogeneidade. Ou seja, da permanência, da univocidade, da regularidade, da permanente conversão ao mesmo. Não só a própria variação linguística destrói a ficção da homogeneidade (v. Lyons 82, "A Ficção da Homogeneidade", p. 35), como a própria investigação de um subsistema, como o da classe dos reversos, por exemplo, pode também contribuir para isto na medida em que mostra recursos expressivos diferentes em coexistência.

No quadro de uma investigação sobre a aquisição dos reversos seria lícito perguntar: como a criança que está aprendendo o português se torna sensível aos recursos morfológicos e lexicais?

² É comum tratar dados deste tipo junto aos casos de inovação lexical. É o que faz, por exemplo, Eve Clark, em seu livro *The Lexicon in Acquisition* (93), em que dedica aos reversos um capítulo a parte: "Words for undoing actions". Neste, vários estudos sobre a aquisição dos reversos são resenhados, tanto em inglês – onde se situam as criações de Christy e Eva, sujeitos de Bowerman, com o prefixo UN- (unhate, unpeel, unopen, unclothe) – quanto em línguas românicas, onde são relatados vários usos inovadores, com o prefixo DÉ- em francês, ou com o prefixo DES- em português. Entre estes últimos estão compilados alguns exemplos de A, que ali se acham parcialmente referidos.

Vale lembrar que o trabalho de Bowerman transcende a mera listagem de exemplos de criações neológicas, os erros com UN- sendo interpretados numa perspectiva de análise mais rica e interessante, que os toma, assim como outros erros também presentes na fala das crianças, como reflexo de processos de reorganização, derivados "experiência da criança com a própria linguagem", processos que podem ocorrer em qualquer idade e estão sujeitos à variação individual. Na medida em que esta autora recusa neste trabalho uma hipótese de mapeamento de estruturas cognitivas em estruturas linguísticas, deixando aberta a possibilidade teórica de se conceber que significados possam ser construídos para objetivar formas, seu horizonte teórico tende a se aproximar do nosso ponto de vista, e seu quadro explicativo para os erros envolvendo os reversos foi tomado como ponto de partida de nosso trabalho. Há, no entanto, algumas divergências a registrar que aparecem ao longo da análise (v. Figueira 94).

Com os dados que pude reunir junto aos corpora de nossos dois sujeitos, consegui um material razoável para a discussão deste ponto, avaliando até que ponto poderiam ser descritos mediante o fenômeno de reorganização. Dado o objetivo desta comunicação, farei menção apenas ao essencial desta análise, remetendo o leitor a meu texto (Figueira 94) para uma visão mais completa dos dados.³

Note-se, em primeiro lugar, que esta classe semântica inclui uma porção de itens que desde bem cedo se pode observar na fala da criança. Abre (a caixa), Liga (a televisão) são instanciações que se pode presumir como ocorrendo na fala inicial das crianças, presas a discursos ou rotinas fixas de interação. Contudo, para quem tem por objetivo saber quando estas passam a evidenciar um domínio (lingüístico) dos padrões morfológicos e lexicais aí envolvidos, estas primeiras ocorrências devem ser vistas com mais reserva do que com entusiasmo. Com efeito, é um fato já suficientemente conhecido dos estudiosos da área – sócio-interacionistas ou não – que as crianças usam "corretamente" (isto é, com adequação), formas até superficialmente idênticas às do adulto, porém, estas têm o estatuto de formas não-analisadas, pois restritas a padrões ou rotinas fixas de interação. Por isto deve-se procurar ir adiante na observação da fala da criança até surpreender um momento posterior, em que tais formas ressurgem integradas num sistema, decorrente do estabelecimento de relações.

Quando é que isto tem lugar na fala de nossos sujeitos? De acordo com a nossa observação dos dados de A e de J, tal fato acontece ao tempo de emergência na fala de nossos sujeitos dos "novos" verbos prefixados por DES-, a partir da própria experiência da criança com a língua. Para A entre 3;11 a 4;10, para J, em torno de 3;10 a 5;1 de idade, ao tempo dos criativos desmagrecer (por emagrecer), desabrir (por fechar), desmurchar (por encher ou esvaziar), deslimpar (por limpar), deslaçar (por tirar o laço), dessair (por sair), etc.

Vejam-se os exemplos abaixo:

ANAMARIA

- (1) (A vai tomar leite; este está muito quente; a mãe intervém)
M. Tá quente.
A. Então diquenta.
M. Quê?
A. Então diquenta um pouco, né? (D – 3;11.10)
- (2) (Acariciando a irmãzinha de A, um bebê de meses, a mãe diz)
M. O meu bichinho emagreceu duzentas gramas...
A. (comovida). Dimagreceu! (D – 4;0.15)

³ Trata-se do artigo "A Aquisição dos Verbos Prefixados por DES-. O Erro como Reflexo de Processos Reorganizacionais", que tive oportunidade de apresentar em três ocasiões: na X AL-FAL (1993), no Seminário de Aquisição da Linguagem (1993) e na IX ANPOLL (1994).

- (3) (A mãe fecha a caixa de brinquedos; decepcionada, A diz)
A. Cê diabriu! (D - 4;1.17)
- (4) (Vendo a bexiga murchar, A pergunta à empregada)
A. Ela fica maciinha?
E. Ela tá macia.
A. Ela demurcha outra vez? (= enche) (D - 4;0.19)
- (5) (A mãe tinha abaixado o zíper do vestido de A, querendo brincar com criança)
A. Ah! Não! Cê tá dezipando! (D - 4;1.27)
- (6) (A está comendo muito; o pai observa que desta forma, a barriga vai ficar muito grande; A aperta a barriga para diminuir-la)
A. Dimurcha ai... (= murchar, esvazia) (D - 4;1.13)
- (7) (A pede a mãe, com impaciência, para fechar a sombrinha aberta)
A. Diporta! Diporta!
M. ?! (D - 4;1.27)
- (8) (Com o guarda-chuva aberto, A pede à mãe)
A. Dilipe aqui meu guarda-chuva.⁴
M. O que é "dilipe", bem?
A. (recusando-se a dizer). Abaixa aqui prá mim, vai... (D - 4;1.27)
- (9) (A vê a mãe montar e encher uma piscina de plástico à meia-água; depois, vendo-a retirar um pouco de água de seu interior, teme que a piscina volte a ser um plástico plano e liso)
A. Vai dimurchar! Vai dimurchar! (= vai murchar, esvaziar) (D - 4;2.8)
- (10) (Para a mãe, preocupada com o estado da piscina, A pergunta)
A. Hoje vai desvaziar a piscina? Hoje vai desvaziar a piscina?
A. Hoje vai desvaziar a piscina? (D - 4;2.10)
- (11) (A recebe das mãos da mãe uma lata de inseticida vazia)
A. Divaziou? Não tem nenhum restinho? (D - 4;2.13)

⁴ As ocorrências (7) e (8) contêm um evidente DES- inicial, mas em contrapartida, não é tão clara a base verbal sobre a qual este se junta. Não sabemos o que é "lpe" e "porta", mas optamos por incluí-las, porque o que quer que signifiquem, é óbvio que estão prefixadas por DES-, numa requisição à mãe para retorno do objeto a seu estado anterior. Tais ocorrências serão reinterpretadas no final deste artigo.

- (12) (A mãe se dirige de carro, da chácara para a cidade; na saída da estrada de terra para a pista de asfalto, "arranca" mal: o pneu range e o carro trepida)
A. (avaliando o desempenho da Mãe). Hoje não foi bom. O carro ficou demexendo. Sabe o que parece, mãe? Parece que ele tá com frio.
M. Tem razão, filhinha.
(pouco depois)
A. Eu gosto do frio. O frio faz o cabelo da gente ficar bonito. (prestando atenção nas árvores agitadas pelo vento)
A. Olha! Eu acho essas árvore tão linda... Grande... Elas ficam demexendo com o frio. Eu quero morar nesse lugar, mãe. Floresta.
M. Mas você já mora em um lugar que tem muitas árvores, Anamaria.
(olhando para uma palmeira)
A. Dessa eu não gosto não, só da outra. Solta... (D - 4;9.2)
- (13) (A empregada, mãe e filha tiram o pó dos móveis para levá-los para a outra casa; a mãe tinha dito à primeira para limpar os móveis)
A. (repetindo para a empregada). Minha mãe falou para dilimpar.
M. (interessando-se). Como é, minha filha.
A. Cê falou prá dilimpar, não é? (D - 4;9.3)
- (14) (Enquanto desenha, A fala, explicando à mãe)
A. Era mãe que tava iperando nenê barrigudo. Já emagreceu.
M. Por que ela emagreceu?
A. Porque ontem ela tava gorda. Ela emagreceu, emagreceu.
M. Mas por que ela emagreceu?
A. Por quê? Porque tirou o nenê. Ela emagreceu.
M. Mas o que fez ela emagrecer?
A. Então. Ela emagreceu. Daí emagreceu.
Era gorda, emagrece. Gorda, emagrece.
(minutos depois, volta ao assunto, espontaneamente)
A. Sabe porque ela dimagreceu?
Antes ela tava no hospital com a moça dela. Então dimagreceu.

O médico fez ela dimagrecer. Então ficou assim.⁵
(D - 4;9.23)

JULIANA

- (15) (Falando com a avó ao telefone, J conta novidades)
J. (...)
É porque eu tô gordo.
Eu vou ter que desamagrecer lá no balé. (D - 3;10.17)
- (16) (Mexendo no vidro de perfume, que está fechado)
J. Eu vou desabrir o perfume e vou levar. (= abrir)
M. O quê, Ju?
J. Eu vou destampar o perfume e vou levar prá ela.
(D - 4;5.17)
- (17) (A criança observa a mãe no banheiro, que, indecisa, abre o chuveiro e depois, desistindo, fecha-o; depois, torna-o a abri-lo)
J. (em tom de crítica). Desfecha... e abre. (= fecha)
(D - 4;6.2)
- (18) (Pedindo para a mãe tirar o laço do vestido)
J. Deslaça, mãe.
M. Hein?
J. Não precisa, vai. (D - 4;6.4)
- (19) (Pedindo à mãe um caderno limpo, sem uso)
J. Cê tem um caderno desvaziado? (D - 4;6.4)
- (20) (Mesmo contexto anterior)
J. Me dá um caderno devaziado. (D - 4;6.4)

⁵ Optei, no caso da ocorrência (14), por ampliar a transcrição do diálogo de modo a mostrar a existência prévia nesta fala de A de emagrecer, que, no entanto, desliza um pouco adiante para dimagrecer.

Digno também de nota neste diálogo são as aproximações sucessivas pelas quais a criança procura fazer frente à (insistente) pergunta da mãe: "Por que ela emagreceu?". Na primeira tentativa, responde de modo óbvio (e até circular, se pensarmos que ela responde com o pressuposto da pergunta...), referindo o estado anterior da mulher, isto é, gorda. Se não se tratasse de fala de criança, caberia falar como Ducrot (68), que se trata de uma recusa em responder, pois a resposta da criança nada mais acrescenta à conversação, trazendo parte do que já estava presente na pergunta (tanto que parece uma paráfrase desta). Desta, a criança parte para uma segunda resposta: Porque tirou o nenê, em que põe em destaque o aspecto da "privação" de algo (o nenê) como explicação para a mudança de estado. Em seguida, volta a realçar o aspecto do estado anterior: Então Ela emagreceu. Daí emagreceu. Era gorda, emagrece. Gorda, emagrece. Só adiante, quando a mãe já tinha desistido do assunto, a criança - através de uma construção causativa com fazer - aponta como causador da mudança o médico, agente envolvido no nascimento do bebê. E aí parece corresponder à expectativa de sua interlocutora.

- (21) (J observa que o pino do zíper de seu casaco tinha escapado)
J. Dessaiu. (D - 4;11.4)
- (22) (J fica chateada com a irmã, que a faz transportar objetos da "casinha", de um lado para o outro, sem parar)
J. Muda, desmuda, Muda, desmuda.
Chega, né Ana? (D - 5;1.8)
- (23) (A chama a atenção de J para um papagaio bem falante, que fica na sacada de uma casa, ao lado da qual estão passando)
A. Cê viu, Ju, aquele papagaio que fica ali na casa?
J. É, ele fala oi, oi, oi! Desoi, desoi, desoi! (D - 5;1.7)

A primeira ocorrência, no "corpus" de A, onde se pode reconhecer o procedimento morfológico de indicar reversão de processo através de prefixo é (1): diquenta, aos 3;11. É interessante observar como esta forma se origina ou é determinada pelo contexto linguístico precedente. O item quente ocorre na fala da mãe, que adverte a filha sobre o estado do leite, pretendendo com isto indicar que ela não deve tomá-lo já. Ao pedir, no turno seguinte, para desesquentá-lo ou desquentá-lo (Então diquenta), A só faz retomar o item, aplicando-lhe a marca de retorno ao estado anterior (não-quente), sob a forma de DI- preposto.⁶

Feita esta observação, vamos passar à totalidade dos dados. Diante deste conjunto, podem-se levantar muitas perguntas. A primeira delas é: haveria dois padrões de organização que refletiriam, de um lado o reconhecimento da relação morfológica, e de outro, o reconhecimento da relação lexical a unir pares de verbos que expressam ações reversíveis?

Tudo indica que não. O conjunto de procedimentos que este subsistema envolve não é uno ou simples, e é lícito supor que ele se torna aparente para a criança gradativamente. Aliás, os dados mostram movimentos até certo ponto contraditórios, se acreditarmos que a criança possa num mesmo momento do desenvolvimento, organizar dois procedimentos gramaticais. Veja-se o caso de dimurcha, que, em (4) é igual a enche e na

⁶ Este dado poderia levar alguém a fazer o seguinte comentário: o caminho que a criança segue é o mais simples. É mais fácil tomar um termo já produzido no contexto de enunciação, e adaptá-lo à expressão da significação desejada, do que "buscar na memória" o termo esfriar (que, de resto, é um item de que há registro na fala de A, nesta altura). Não acreditamos, contudo, que a explicação deva passar por esta rota cognitiva. Para nós, o interesse maior deste dado está em mostrar a produtividade do processo de prefixação por DES-, que nesta ocorrência tem a particularidade de se fazer sobre item que figura na fala do interlocutor da criança. Dir-se-ia que a criança "ressignifica" a partir da fala da mãe, para usar a noção de De Lemos (92). Esta interpretação discursiva-textual nos parece superior à cognitiva porque dá conta de explicar uma operação linguística que, diga-se de passagem, não está muito distante do que se pode observar na fala adulta: Convidou o ministro? Então desconvide. Ofereceu a disciplina? Então desofereça.

ocorrência (6) é igual a esvaziar. De forma nenhuma, a seqüência que se faz prefixar por DI- num e outro caso, embora materialmente a mesma (murcha), poderia ser considerada como sendo a mesma ou como tendo o mesmo valor que a sua correspondente no sistema lingüístico adulto – como uma análise superficial poderia à primeira vista fazer supor.⁷

Para chegar a dizer qual é a etapa de organização deste subsistema, compatível com os dados de A e de J, entre 3;10 e 5;1, vamos abordar os dados positivamente, em termos do que eles podem revelar sobre a organização deste domínio, e negativamente, em termos do que indiciam estar ausente neste domínio.

É possível dizer que no período coberto pelos dados, as crianças se tornam sensíveis ao significado que a forma DES- veicula. Mas este fato não se faz acompanhar, neste momento, de um reconhecimento das restrições de coocorrência deste morfema. Em outras palavras, elas reconhecem o recurso morfológico, mas não reconhecem os seus limites. Formalmente, tais limites são dados – do ponto de vista sincrônico – pelo arbitrário, que vigora em toda língua; no caso presente, pelo fato de que algumas ações têm o seu reverso expresso por item totalmente diferente do de sua contraparte. Tal é o caso de abrir e fechar, encher e esvaziar (ou murchar), limpar e sujar, etc.

Na verdade, o fenômeno que temos que descrever aqui, antes de ser focalizado via Whorf (como o fez Bowerman, para os dados do inglês, envolvendo o morfema UN-), merecia ser analisado sob o ângulo do princípio da arbitrariedade do signo lingüístico, postulado por Saussure (v. Curso de Lingüística Geral, p. 148-155).⁸ Este domínio semântico mostra uma tensão entre marcas morfológicas e marcas lexicais que nada mais é do que uma ilustração daquilo que o autor chamou de arbitrariedade (ou motivação) relativa. Senão vejamos.

Parafraseando Saussure (op. cit., p. 152), pode-se dizer que abrir e fechar são imotivados ou arbitrários, mas destampar ou descobrir não o são no mesmo grau, porque evocam os termos dos quais se compõem e outros que lhes são associados, como desligar, desabotoar, etc. Representam um caso de motivação relativa.

Assim, ao criar os termos dessair, deslimpar, desfechar, desmudar, etc, a criança estaria se mostrando sensível aos aspectos envolvidos no re-

lativamente motivado, a saber: 1) a uma relação sintagmática, na medida em que destaca DES- como uma porção independente do restante de cadeia sonora em que figura; 2) a uma relação associativa (ou paradigmática) na medida em que se coloca junto a outras séries: desamarrar, destampar, desabotoar, desligar, etc. Esta dupla relação representa, sem dúvida, um modo de funcionamento da língua, mas este funcionamento não é geral, no sentido de atingir todos os pares de itens que nomeiam ações que dão por resultado a reversão de estado de um objeto; ele é limitado pela existência – diríamos melhor, coexistência – com pares em que tal noção de reversibilidade não passa pela motivação relativa, mas pelo arbitrário absoluto (abrir – fechar, limpar – sujar, etc.)

Ora, vê-se que alguns destes itens em que vigora o arbitrário absoluto receberam DES- nas criações de A e de J. A partir destas criações – que só muito superficialmente se podem chamar de erros – pode-se inferir o que ainda não foi objeto de organização, ou seja, o fato de que algumas alterações de estado se fazem via palavras totalmente diferentes (ou o que se pode chamar também de formas supletivas). Para tomar um exemplo, vejamos a ocorrência (13) de A. Ao pedir à empregada para agir sobre o móvel de maneira a torná-lo limpo (ou não-sujo, que é o seu estado presente), a criança deveria fazê-lo por um item que "dispensa" o recurso morfológico (limpar), palavra que, de resto, acaba de ser ouvida por ela na fala da mãe, dirigida à empregada. Porém, não é isto que acontece e temos deslimpar ("minha mãe falou para dilimpar"). E não se trata de uma ocorrência esporádica; são da mesma natureza, (6) e (9), do "corpus" de A. Já nos "corpus" de J encontramos (16), (17), (19), (20) e (21).

Notemos que a prefixação a limpar, murchar, sair, abrir, fechar, esvaziar, com DES- desorientaria um pouco a quem ouve a criança ou a quem lê os dados se estes, ignorando o contexto enunciativo, tentarem encontrar para a base o mesmo significado que tal seqüência tem no léxico do adulto,⁹ buscando na totalidade "prefixo + base", um significado transformado pelo prefixo. Neste caminho, o observador desavisado poderia

⁷ Tal fato pode nos dar uma idéia do tipo de problema que uma análise desligada da noção de sistema teria de enfrentar: o mesmo dado poderia ser contado como evidência contra e como evidência a favor de que a criança já tem, para o item em questão, o mesmo significado que este tem no sistema lingüístico adulto.

⁸ A primeira vez que discutimos o alcance desta idéia (cf. Figueira 82), nós o fizemos em relação ao princípio da clareza ou transparência proposto por Slobin ("relações semânticas deverão ser marcadas abertas e claramente"), levantando um certo número de dados entre os quais se encontravam os primeiros novos verbos prefixados por DES- da fala de A.

⁹ Vê-se imediatamente o problema que tal fato levanta: o da identidade. (A este respeito, v. Carvalho 92). Não se poderá dizer que tais itens tenham o mesmo significado, nem o mesmo valor que seus supostos correspondentes no sistema lingüístico adulto. Para tomar um exemplo levantado pelos dados (4), (6) e (9), nesta subclasse (a do par encher-murchar), em que a marca lexical ainda não se erigiu como sinal de oposição semântica, o murchar da criança não dispensa a marca morfológica e tem um estatuto cambiante, não-fixo, enquanto significado. Assim é que ele significará, com o concurso de DI- preposto, tanto encher (mesmo processo que explica desqueantar na sua fala), quanto murchar (ou esvaziar) (mesmo processo que explica dilimpar na sua fala, ou dessair, na fala de J). Se a criança marca o item que expressa tal alteração de estado com DES- é porque, digamos assim, "não se deu conta" ainda de que pode deixar de fazê-lo, isto é, que tais itens podem prescindir desta marca. Enquanto o faz, a aparência é de uma marca redundante, mas dizer que há redundância aí é desconhecer o fato, por nós apontado acima, de que as unidades do léxico da criança não coincidem, neste momento, com as do sistema lingüístico adulto.

concluir (erradamente) que o que a criança pede à empregada em (13) é que ela suje os móveis, ou o que ela diz, temerosa em (9), é que a piscina vai encher... Ora, tais interpretações são imediatamente afastadas pelo conhecimento que se tem da situação; mas para além disto, o que nos parece pertinente destacar é que quando o prefixo dá entrada sistemática na fala da criança, ele tende a funcionar como uma marca que expressa uma alteração para um estado anterior, qualquer que seja a base. (Veja-se, por exemplo, a ocorrência (16) de J, em que a criança passa de dessair para destampar, dentro de um mesmo "paradigma"). Haveria uma prevalência do recurso morfológico sobre o recurso às marcas de oposição lexical. Aliás, creio que se deve repetir que limpar, murchar, abrir, etc, não coincidem com as formas homônimas do sistema lingüístico adulto, e que, deste ponto de vista, são formas parcialmente analisadas, porque a oposição ou relação com sujar, encher, fechar, etc, ainda está por ser estabelecida. Uma consequência óbvia disto é que não poderão ser consideradas como tendo o mesmo significado nem o mesmo valor (no sentido saussuriano) que as da língua do adulto. Isto não quer dizer, obviamente, que a criança não sabia o que é limpar ou sujar, encher ou esvaziar, etc. Simplesmente que as formas usadas pela criança não entram num sistema de oposições tal que tenha o seu valor fixado à maneira do sistema do adulto. Continuam submetidas ao recurso morfológico que mostra uma produtividade importante em cada um dos "corpora". Até onde ou até quando, poder-se-ia perguntar agora.

Os dados mostram que o morfema DES- chega até a verbos que expressam de maneira mais abstrata a noção mudança, como é o caso de mdar e mexer, ocorrências (22) e (12), respectivamente. (Para esta última, v. interpretação no final do artigo). E mais surpreendente do que isto é ver tal morfema ligar-se a itens que nem expressam ações, como é o caso do inesperado "desoi, desoi, desoi" de J. ao papagaio, na ocorrência (23).¹⁰ Sendo assim, dir-se-ia que a incidência deste processo é imprevisível, e que ele não tem os contornos tão nítidos como idealmente se pode supor. Para o investigador da área, isto significa que o estudo da aquisição dos reversos reserva, como ponto importante a ser examinado, o momento em que a criança começa a produzir formas "ultrageralizadas" com DES-, mas que este deve ser seguido por outro, que é o de examinar quando ações reversas que excluem este procedimento, fazendo-se passar por outro

¹⁰ Deve-se dar um certo destaque a este dado, uma vez que ele contribui para questionar a ordem das "tarefas" que Bowerman coloca na trajetória da aquisição do morfema UN- em inglês. Para a autora (v. Bowerman 82, p. 325), um dos problemas que a criança deverá enfrentar para usar apropriadamente este morfema, é aprender a categoria sintática das formas às quais ele pode ser afixado. Pareceria claro – e todos os dados até agora o confirmariam – que a criança não se "engana" em relação à classe sintática que pode receber DES- em português (verbos). Isto até encontrarmos este surpreendente desoi de J!

recurso (as marcas lexicais), se delimitam com as primeiras, integrando-se num sistema de marcas heterogêneas. Chegar-se-ia àquilo que Bates e McWhinney em 79 chamaram de coexistência ou convivência pacífica, e mais tarde (87), de recursos em competição. E a que nós, em particular, temos nos referido como heterogeneidade do sistema.

Cumpramos assinalar, porém, uma diferença teórica que nos separa dos autores acima. Nosso trabalho não está teoricamente comprometido com uma visão de anterioridade do significado – posta em dúvida já no trabalho de Bowerman 82 (v. nota 2) e melhor explicitada por De Lemos (92). Sendo assim, não coloca como necessário contemplar um momento de completo equilíbrio, em que recursos lingüísticos alternativos estariam coexistindo sem conflito, isto é, com seus limites perfeitamente fixados e imutáveis. Aliás, duvidamos mesmo que um tal estado de equilíbrio final possa existir, já que na língua adulta ordinária são tantos e tantos os casos em que se pode cunhar novos itens com DES-, isto sem falar na linguagem poética, lugar de rompimento e subversão de padrões estabelecidos.¹¹

Nossa análise dos dados de aquisição da linguagem procurou mostrar como os recursos lingüísticos podem estar a serviço da constituição de significações, e não o inverso, o significado – pré-existente – recobrendo-se com uma forma. O modo como A e J se aproximam da nomeação de ações reversas passa por um investimento de sentido sobre DES-. E os "erros" encontrados neste domínio são percebidos pelo investigador como produto de um movimento em direção à sistematização, à constituição de um recurso lingüístico, na medida em que um significante (DES-) se mos-

¹¹ Enquanto estivermos escrevendo este artigo, foram várias as ocasiões em que pudemos recolher exemplos desta potencialidade na fala cotidiana. Exemplos: "Ofereceu a disciplina? Então desofereça!", "Itamar disse que Fernando Henrique não o desconvidou". Não faltam também exemplos nos poetas e escritores, como se pode ver pelos exemplos abaixo, destacando-se Guimarães Rosa como um autor que leva às últimas consequências o processo de recriação lingüística: "As moças aldeãs (...) deslembavam seus cânticos prazenteiros para chorar a morte dolorosa dos pais e dos irmãos." (Fagundes Varela, A Sede). "Em falso receio, desfalamos no nome dele – dizem só: o Que-Diga." (G. Rosa, Grande Sertão-Veredas, p. 9). "O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece de religião: para se desendoidecer, desdoidar" (id., ibid., p. 15). "Dia de gente desexistir é um certo decreto – por isso que ainda hoje o senhor aqui me vê". (id., ibid., p. 43). "Assim eu já tinha ouvido de outros aos pedacinhos, ditos e indiretas, que eu desouvia. Perguntar a ele, fosse? Ah, eu não podia, não. Perguntar a mais pessoa nenhuma; paz, comigo mais, Diadorim foi me desinflando". (id., ibid., p. 138).

Quanto às criações na fala da criança, é possível engrossar a lista dos exemplos, com estes que cito abaixo, e que me foram trazidos por Denise Issler (a quem agradeço). Foram colhidos quando Guilherme tinha entre 4;5 a 4;6 de idade:

"Tô desengordando?" (pergunta dirigida ao adulto, enquanto faz exercícios), "Sabe que o meu pai vai me dá um presente desadiantado?" (pergunta à mãe, um dia após o dia da criança; a mãe lhe tinha dado um presente adiantado), "Ele se transforma e depois se destransforma" (para a avó, contando o que acontece a um personagem que experimenta – via antídoto – uma reversão de processo).

tra investido de um significado regular. As inovações resultantes (com exceção de algumas de que falaremos adiante...) não são, num certo sentido, totalmente imprevisíveis. Seriam criações que podem ser contempladas por um funcionamento já presente no mecanismo da língua.¹²

Apesar da estranheza que podem nos causar os itens criados por A ou J, muitos deles são, até certo ponto – repetimos – previsíveis ou explicáveis. Corresponderiam a um movimento em direção à simetriação, cujo resultado é percebido como o "apagamento" de certas diferenças, diferenças que, de resto, convivem nos sistemas lingüísticos, que são feitos de marcas heterogêneas (morfologia e léxico, no caso dos reversos; classes mórficas de primeira, segunda e terceira conjugações, no caso das formas verbais; verbos regulares e irregulares, etc).

Para descrever este fenômeno, em vez de falarmos em constituição de classes paradigmáticas ou em "over-extesion" (termo comprometido com uma visão empiricista da aquisição da linguagem, apoiada em processos de indução e generalização), preferimos uma posição como a de De Lemos (92), que vê a mudança como efeito da linguagem sobre a própria linguagem no interior de processos de ressignificação. Isto daria por resultado algo que poderia ser caracterizado como um alinhamento de formas, termo mais neutro que estamos usando para caracterizar o fenômeno dos "erros" como os acima observados em relação à expressão de reversão de processo.

Tais erros tocam certas qualidades, tais como: permanência, univocidade, regularidade, que são propriedades que tornam a língua representável, assimilável às representações de um cálculo, no dizer de Milner (87, p. 71). É contra o fundo destas qualidades que temos que examinar agora algumas outras ocorrências que fazem parte deste mesmo conjunto de dados, ocorrências em que a permanência, a simetria parecem não ser totalmente explicativas.

Penso que são ocorrências (7) e (8), destacadas das demais com um comentário em nota (a observação: "não sabemos o que é "lipe" e "porta", mas (...) o que quer que signifiquem, é óbvio..."), aquelas a admitir a possibilidade de uma abordagem pelo lado do que M. T. Lemos chamou de enigma, pois nelas parece haver a emergência do não-um na língua.

Para dar sustentação a isto, comecemos por mostrar que "lipe" é uma forma que jamais apareceu na fala da criança, fosse para pedir o guarda-chuva ou outra coisa qualquer. Já porta sim; mas não no lugar de uma forma verbal numa sentença como (8) em que se solicita a ação prática do in-

¹² Lembremos o que diz Saussure (C. de L. G., p. 193):

"Uma palavra que eu improvise, tal como in-decor-ável, já existe em potência na língua: encontramos-lhe todos os elementos em sintagmas como decor-ar, decor-ação : perdo-ável, ma-nej-ável : in-consciente, in-sensato, etc, e sua realização na fala é um fato insignificante em comparação com a possibilidade de formá-la".

terlocutor sobre um objeto que, ademais, não é nem porta, é sombrinha. Tocamos aqui o problema da homonímia: em que medida um signo pode se transformar em outro? Não se poderia falar, no caso de lipe e porta, em estabilidade: qualidade (do signo) que é a de um significante remeter, sempre e univocamente a um significado, apto a permanecer o mesmo nas suas variadas instanciações. Lembramos Benveniste:

"Quando se diz que determinado elemento da língua, curto ou extenso, tem um sentido, entende-se uma propriedade que esse elemento possui, enquanto significante, de constituir uma unidade distintiva, opositiva, delimitada por outras unidades, e identificável para os outros locutores nativos, de quem esta língua é a língua." (Benveniste, 76, p. 136-137, o grifo é nosso)

Ora, lipe e porta (tal como é usado pela criança) são estranhos para o interlocutor de A, naqueles contextos. Tanto que ele pergunta à criança: "O que é "dilipe", bem?".

Mas, por outro lado, é preciso ver que estas formas – criadas sob motivação não se sabe qual... – uma vez precedidas por DI-, de algum modo se estabilizam e se revestem de uma significação não-equívoca. Apesar da falta de correspondência com uma realidade nomeável como lipe e porta, não se trataria aqui de uma ocorrência ininterpretável, porque há um ponto seguro, nestes casos representados pelo DI- preposto, que surge como um ponto de ancoragem que evita a total liberdade de escolha de significante. Conclui-se, então que, por força deste segmento repetível, há signo, mesmo quando o significante parece estar à deriva.

Estes exemplos são úteis para mostrar que a motivação relativa do signo (representada pelo prefixo) contém (= segura) a liberdade absoluta, mas analisando-se sob outro ângulo, é possível dizer também que, numa certa medida, ela a permite; daí decorrendo seu duplo (e ambivalente) papel. Os significantes para as ações reversas solicitadas por A em (7) e (8) podem se dar ao luxo de vagar entre lipe e porta (ou outra coisa qualquer...),¹³ porque contam para a sua interpretação com o sinal – inequívoco – que lhe é dado pelo prefixo. A margem da indeterminação que estes signos – produtos da fala espontânea da criança – carregam está dentro da produção lingüística da criança, como algo que faz parte do seu funcionamento: contém o UM e o NÃO-UM, o repetível e o não-repetível. Ou, visto sob outro prisma, o arbitrário relativo e o arbitrário absoluto. O mesmo e o diferente, numa tensão permanente.

O que há de interessante nestes dados, e que, a partir da perspectiva aberta pelo trabalho de M. T. Lemos não é mais possível ignorar é o fato

¹³ Na verdade, este ponto levanta uma indagação muito importante: se a criança pode criar uma palavra totalmente nova, por que ela não o faz? Nesta discussão, deverão entrar questões como a do princípio da arbitrariedade (total ou relativa) do signo lingüístico. Embora se perceba a importância deste tema, está fora do escopo deste trabalho discuti-la aqui.

de que há uma interpenetração, um cruzamento imprevisível entre o estável e o não-estável, o simétrico e o não-simetrizável, um sendo condição para a existência do outro.

Voltando agora ao que foi colocado como ponto de partida desta comunicação, ou seja, verificar até que ponto seria possível construir um contraponto entre o chamado erro (reorganizacional) e o enigma, vê-se agora que a polarização hipotetizada perde o seu sentido; sendo mais útil mostrar a interdependência entre ambos. Ou seja: aquilo que é da ordem do todo, do repetível, do mesmo, da regra, é que permite fazer surgir o que é da ordem do não-todo, do singular. Não há um com exclusão do outro. Assim, para retomarmos a afirmação de Pêcheux no trecho atrás citado (p. 2), deve-se vislumbrar não só a possibilidade de um jogo nas regras (de que a maioria dos exemplos descritos sob o nome de alinhamento de formas, são uma ilustração), como também a possibilidade, de um jogo sobre as regras (de que (7) e (8) são, pelo menos em parte uma ilustração).

Naturalmente, entre estas duas ordens de exemplos é possível situar fatos únicos, como uma ocorrência – também prefixada por DE- – cuja interpretação fica longe da reversão ou negação de ação. Trata-se da ocorrência (12) de A. Nela a fala de A: O carro ficou demexendo, seguida um pouco adiante, de outra parecida: Elas (as árvores) ficam demexendo com o frio, nas quais a criança apõe a mexer o prefixo DE-, parece estar – por tudo que sabemos da situação: carro trepidando, árvores agitadas pelo vento – investidas de uma carga aspectual: o processo de mexer se desenrola no tempo sob a forma de repetidos movimentos, e sua designação por demexer faz pensar inclusive em remexer, forma com a qual tem mais do que uma relação de proximidade sonora. Esta ocorrência, única no "corpus" de A, irrepitível na sua singularidade, calou na nossa interpretação dos dados deste sujeito, como uma evidência de um processo singular de constituição de significações. Ela seria da natureza daquelas ocorrências que Abaurre (91) chamou de episódicas, idiossincráticas e cuja a relevância teórica para a abordagem da aquisição da linguagem, tanto escrita quanto oral, procura defender e estabelecer. São dados deste tipo que dão ao investigador a ocasião privilegiada – às vezes única – de surpreender a relação da criança com a linguagem, proporcionando uma instância, chamada pela autora, de maior transparência ou visibilidade desta relação. Neste caso, o resultado é uma ocorrência onde a palavra "erro" parece até não caber, pois toca um processo original de constituir significação, sem paralelo na fala do adulto ou mesmo na fala da própria criança. Ela está no limite do poético, parecendo ilustrar "a possibilidade de a criança tornar-se, por um instante, um poeta", como disse Cláudia de Lemos. Acrescentaria ainda as palavras de M. T. Lemos, num texto em que discute a questão do sujeito e seu modo de inserção na teoria lingüística, quando diz que "errando a criança exhibe, da língua, uma possibilidade que nos escapava,

que nos surpreende justamente porque faz significação para além do nosso significável"; "por isto o "erro" da criança provoca frequentemente um riso semelhante ao que acompanha o chiste, ou uma emoção próxima ao do poema".

Com o olhar voltado agora para o efeito que a fala da criança nos desperta, poder-se-ia recolocar uma ocorrência de J – a de número (23) – pondo em evidência não o aspecto lingüístico-distribucional (a coocorrência de DES- com uma interjeição), mas seu efeito de surpresa (de enigma...) para o interlocutor, ou mesmo para quem lê os dados: O que é desoi, desoi, desoi? Uma negação de cumprimento? Um contra-cumprimento, em que a criança marca a sua participação criativa, junto a uma forma estereotipada? Fica a questão, talvez como indicio maior de que o erro e enigma estão juntos na aquisição da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. 1991. "Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita". Anais do II Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem. PUC-RS.
- BATES, E. & McWHINNEY, B. 1979. "A functionalist approach to the acquisition of grammar". In: Ochs & Schieffelin (eds.), *Developmental Pragmatics*. Londres: Academic Press.
- _____. 1987. "Competition, variation and language learning". In: McWhinney (ed.), *Mechanisms of Language Acquisition*. Londres: Lawrence Erlbaum Associated Publishers.
- BENVENISTE, E. 1976. *Elementos de Lingüística Geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Tradução brasileira.
- BOWERMAN, M. 1982. "Reorganizational processes in lexical and syntactic development". In: Wanner & Gleitman (eds.), *Language Acquisition: the State of the Art*. 320-346.
- _____. 1988. "Inducing the latent structure of language". In: Kessel (ed.), *Essays in Honor of Roger Brown*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates. 23-49.
- CLARK, E. 1993. *The Lexicon in Acquisition*. Cambridge University Press.
- CARVALHO, G. 1992. "Levantamento de questões sobre a identidade e o erro em aquisição da linguagem". (inédito).
- DE LEMOS, C. G. 1982. "Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original". *Boletim da Abralin*, 3. 97-126.
- _____. 1989. "Uma abordagem sócio-constructivista da aquisição da linguagem: um percurso e muitas questões". Anais do I Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem. PUC-RS.
- _____. 1992. "Procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio". *Substratum*, 1. 121-135.
- DE LEMOS, M. T. 1990. "Sobre o que 'eu' diz: da subjetividade na linguagem". Anais da ALFAL.
- _____. 1994. "A língua que me falta: uma análise dos estudos de aquisição da linguagem". Tese de doutoramento. (inédita).
- DUCROT, O. 1968. "La description sémantique des énoncés français et la notion de presupposition". In: *L'Homme*, VIII, 1. Paris: Larousse. 30-43.

- FIGUEIRA, R. A. 1982. "Algumas considerações sobre um princípio operacional na aquisição da linguagem". SBPC. Campinas. (inédito).
- _____. 1985. "Causatividade: um estudo longitudinal de suas principais manifestações no processo de aquisição do português por uma criança". Tese de doutoramento. (inédita).
- _____. 1991. "Algumas considerações sobre o erro como dado de eleição nos estudos de aquisição de linguagem". Anais do II Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem. PUC-RS.
- _____. 1994. "O erro como dado de eleição nos estudos de aquisição de linguagem". In: Castro (ed.): "O Método e o Dado no Estudo da Linguagem". (a sair)
- _____. 1994. "A aquisição de verbos prefixados por DES-. O erro como reflexo de processos reorganizacionais". (inédito).
- KARMILOFF-SMITH, A. 1986. "From meta-processes to conscious access: evidence from children's metalinguistic and repair data". *Cognition*, 23. 95-147.
- LYONS, J. *Linguagem e Lingüística. Uma Introdução*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- MILNER, J-C. 1987. *O Amor da Língua*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- PÉCHEUX, M. 1990. *O discurso. Estrutura ou Acontecimento*. Campinas: Pontes Editores.
- ROSA, G. 1967. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio. 14ª edição.
- SAUSSURE, F. de. 1916. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix. Tradução brasileira. 1971.